

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 102, agosto/setembro 2020

A “CRÔNICA MEMORISTA” DE JOSÉ PEIXOTO JÚNIOR

Danilo Gomes

Foi mais um ato de sabedoria do nosso confrade da Associação Nacional de Escritores-ANE José Peixoto Júnior registrar em livro as amáveis recordações de sua vida, sob o título “Crônica memorista”.

Por que amáveis?

Porque todas ficaram no seu coração e mente, desde as dos amargos dias de dificuldades e aflições, até àquelas dos dias de bonança e merecido descanso (mas não ócio). “As amargas, não” é o título de um famoso livro de crônicas do gaúcho Álvaro Moreyra. Mas nosso Peixoto assimila até as amargas, dos dias

mais penosos da infância e mocidade, e delas não faz mistério ou escondimento.

José Peixoto Júnior nasceu – e não omite a data a ninguém – em 9 de abril de 1925, em Serrita, Pernambuco, no sítio do Genipapo. Sempre teve vida trabalhosa, e até hoje, mais do que nunca, se dedica à literatura, nestes dramáticos dias de pandemia do coronavírus/ covid-19.

Edição da Kelps, de Goiânia, 2017, “Crônica memorista até às Bodas de Vinho” tem 261 páginas e abre com epígrafes de escritores eméritos, desde os tempos homéricos: Epicuro, Fernando Pessoa, Fernando Sabino, Paul Valéry, Voltaire, Carlos Heitor Cony e Bastos Tigre.

O autor narra sua vida desde os primórdios, no Nordeste: o pai severo, a mãe com carinhos e corretivos.

Para cada trecho da atribulada vida, um epíteto marcante: o Menino, o Estudante (do Ateneu Jardimense e do Gymnasio do Crato), o Migrante (para São Paulo, com escassa pecúnia e doente), o Sitiente (no sítio Genipapo), o Lojista (sem êxito), o Camioneiro, o Gerente (de cooperativa, em Serrita), o Desempregado, o Concursado (de brilhante carreira no Ministério da Fazenda, eu acrescento). Em seguida, temos o Aposentado, desfrutando o lazer com dignidade, conforme acenava Cícero, em “Por P. Séxtio”.

Continuação na página 4

O VELHO DA ENCICLOPÉDIA BARSA

Gilmar Duarte Rocha

Já faz muito tempo, numa cidade do interior do estado da Bahia, onde eu caminhava todo dia para a escola e o meu trajeto até o ginásio passava obrigatoriamente em frente ao coreto da Praça do Relógio. Não havia outro caminho: todos os estudantes do Instituto de Educação Anísio Teixeira tinham que passar defronte ao coreto da Praça do Relógio para chegar ao colégio.

De formato clássico, o coreto era circular; ornado de telhas coloniais brancas; os arabescos, que emolduravam a linha de apoio ao telhado, eram bem delineados e artisticamente moldados em cimento e gesso; cinco pilastras de madeira, de cor bege, sustentavam o teto; gradis de ferro, trabalhados por artesão de metalurgia, circundavam o pavilhão; uma pequena abertura para a entrada dos músicos de festas de ocasião e uma escadaria espiralada para facilitar o acesso ao palco complementavam a arquitetura.

O coreto de minha cidade era como um coreto de uma cidade qualquer.

Contudo, havia no coreto de minha cidade um elemento díspar: havia um senhor, um velho de longas barbas brancas; cabelos ralos e acinzentados; gebo; com a pele castanha trucidada pelo tempo; trajando sempre um velho e surrado casaco de couro em estilo vaqueiro, e

se sentava no último degrau da escada do coreto e ficava por lá dias a fio, fizesse chuva, fizesse sol, fizesse calor, fizesse frio, sempre com um livro grosso numa mão e um monóculo na outra. O velho parecia confundir-se com a paisagem do coreto.

Das centenas de alunos que cumpriam aquele trajeto diuturnamente, parecia que eu era o único deles que prestava atenção na onipresença do velho. Um belo dia despi-me da minha timidez renitente e, meio que rastejando e roçando no batente que amparava os gradis, dei dois passos em direção à escadaria e aproximei-me do ancião. Antes que eu dissesse alguma coisa, ele antecipou-se e falou, de rompante, em tom ufanista: — Ah! Você é um desses jovens cidadãos que vão tornar esse país grande.

— Não. Acho que o senhor não saberia me explicar o que é a Doutrina Monroe. Cai amanhã na prova de História Geral e eu ainda não consegui comprar o livro da escola — respondi com extrema sinceridade, pois o nosso orçamento familiar andava bastante minguado naquela época e meu pai não havia comprado todos os livros da grade escolar.

— Ah! Você é um desses jovens cidadãos que vão tornar esse país grande.

— Não. Acho que o senhor não saberia me explicar o que é a Doutrina Monroe. Cai amanhã na prova de História Geral e eu ainda não consegui comprar o livro da escola — respondi com extrema sinceridade, pois o nosso orçamento familiar andava bastante minguado naquela época e meu pai não havia comprado todos os livros da grade escolar.

— Não. Acho que o senhor não saberia me explicar o que é a Doutrina Monroe. Cai amanhã na prova de História Geral e eu ainda não consegui comprar o livro da escola — respondi com extrema sinceridade, pois o nosso orçamento familiar andava bastante minguado naquela época e meu pai não havia comprado todos os livros da grade escolar.

Continuação na página 3

ANDERSON BRAGA HORTA E A TRADUÇÃO LITERÁRIA

João Carlos Taveira

Traduzir é uma arte? Um passatempo? Ou mesmo uma profissão como outra qualquer, a que se pode dedicar integralmente para ganhar o pão de cada dia? Em geral, nos países desenvolvidos a tradução tem desfrutado dessa última hipótese, pois os profissionais da categoria ganham bem e gozam de prestígio social e respeito intelectual como quaisquer outros que transitam pelas veredas literárias, dentro e fora do mundo acadêmico. Por outro lado, em países como o nosso, tal atividade tem sido um tanto diletante, porque mal aceita e mal remunerada. E todos aqueles que a ela se dedicam o fazem por puro prazer ou mesmo por um capricho muito pessoal, pois outras profissões lhes garantem o sustento e a sobrevivência.

Continuação na página 8

ESPECTRO DA SOLIDÃO URBANA

Valdivia S. Beauchamp

Vê-se hoje “a cidade que não dorme”, New York, com olhos de esperança e com resiliência, no desejo de, em um futuro próximo, restabelecida a sua identidade histórica e arquitetônica, reerguida e vencida a solidão urbana – catástrofe de 2020, no continente norte-americano. Algumas vezes, as contradições entre o que é obrigatório e o facultativo fazem com que a vida possa se tornar um fio tênue, resultando descontentamento, inconformismo, insegurança, procura ansiosa pelo divino, pânico que podem levar a um desatino.

Da mesma forma, o sonho dos que vêm a New York é desfrutar da experiência em provar de tudo que há no planeta, que aqui parece existir. A busca dessa sensação está, também, frustrada.

São Tomás de Aquino diz: “a bondade de Deus não faz a mera transformação do indivíduo, mas sim pode influir nele, conforme a sua capacidade de percepção. E nós, seres humanos, como estamos nos comportando?”

“A cidade que não dorme” sucumbe, silencia e nos colococa em grande isolamento. Daí, como era de se esperar, observa-se a reação em busca do continuar da vida, ajustando-o a uma nova realidade.

Dentro deste torvelinho de dor e expectativas, lembra-se do começo de Madri, elevada à sede do reinado, transferida de Sevilha, no século XVI. Lá encontra-se um poeta que soube cantar a dor inimaginável da mudança brusca, em consequência das vicissitudes deixadas pelos mouros na Sevilha destruída.

LOPE DE VEGA (1562-1635) nasceu em Madri, na mesma época de sua elevação a sede do reino. Naquele tempo, observa-se sucumbir a aristocracia espanhola (diz A. Geysse / E. Bague), entendendo-se o porquê de seus fracassos que foram muitos: numerosas guerras, êxodo rural, expulsão dos mouros, aumento incomensurável do clero, além das concessões a diversos países e, principalmente, a redução das importações dos “tesouros” da Índia,

Situações semelhantes interligam essas duas grandes cidades, embora distantes no tempo – New York, de hoje (com seus monumentos e seu capitalismo, momentaneamente, quebrado), e Madri, da época de Carlos V e de seu Filho Felipe II (sociedade espanhola na bancarrota).

Conta a lenda que Madri, do tempo de Lope de Vega, foi sempre muito celebrada por seu teatro, com personagens reais e não como no teatro francês de Racine, cujos personagens são arquétipos, símbolos de paixão, e a atração ficando por conta do autor comissionado. Aquele dava valor à alma, os trabalhos eram mais intelectualizados.

Seu biógrafo, Montalbán, diz que o teatro de Lope de Vega era o melhor de todos os tempos: “uma prova do mais extenso e rico saber, da teologia, jurisprudência, filosofia, Belas Artes, mecânica”.

Todavia, o mais interessante da vida de Lope de Vega foi a sua atitude introspectiva, perante a tragédia de seu país e de sua própria vida, cheia de altos e baixos.

O escritor e teatrólogo, desenganado por amargura e pelo mal trato humano, escreve de dentro de seu coração a poesia “Soledades”. Seus mestres o consideravam homem recluso e sábio. Vê-se nela algo análogo à atual situação de solidão urbana, envolvendo, não só New York, mas também toda a humanidade.

Soledades (algumas partes da poesia)

“A mis soledades voy,
de mis soledades vengo,
porque para andar conmigo
me bastan mis pensamientos.

No sé qué tiene el aldea
donde vivo y donde muero,
que con venir de mí mismo,
no puedo venir más lejos...

‘Sólo sé que no sé nada’,
dijo un filósofo, haciendo
la cuenta con su humildad,
adonde lo más es menos...

Dijeron que antiguamente
se fue la verdad al cielo;
tal la pusieron los hombres,
que desde entonces no ha vuelto...

Dijo Dios que comería
su pan el hombre primero
en el sudor de su cara
por quebrar su mandamiento;

y algunos, inobedientes
a la vergüenza y al miedo,
con las prendas de su honor
han trocado los efectos...

Con esta envidia que digo,
y lo que paso en silencio,
a mis soledades voy,
de mis soledades vengo.”

Soneto do Mês

MINHA MÃE

Martins Fontes



Beijo-te a mão, que sobre mim se espalma
para me abençoar e proteger.

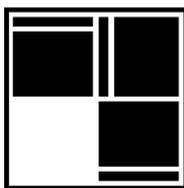
Teu puro amor o coração me acalma;
provo a doçura do teu bem-querer.

Porque a mão te beijei, a minha palma
olho, analiso, linha a linha, a ver
se em mim descubro um traço de tu'alma,
se existe em mim a graça do teu ser.

E o M, gravado sobre a mão aberta,
pela sua clareza, me desperta
um grato enlevo, que jamais senti:

Quer dizer – Mãe – esse M tão perfeito,
e, com certeza, em minha mão foi feito
para, quando eu for bom, pensar em ti.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores
www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2ª Secretária: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 102 – agosto/setembro 2020

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

O VELHO DA ENCICLOPÉDIA BARSÁ

Gilmar Duarte Rocha

O senhor de olhos negros, profundos, de cristalino embaçado, viscoso e amarelado pelo tempo, lançou-me um olhar severo e penetrante, o que de certa forma me deixou apreensivo, e falou:

— Ora, rapazinho. Quando disseste “não”, esperava que irias me perguntar alguma coisa hermética ou extremamente erudita.

Não sabia o que significava “hermética” e nem “erudita”, mas notei que o homem que carregava nas mãos um livro grosso, de capa vermelha, em cuja lombada constava a palavra “BARSÁ” em letras garrafais e douradas, tinha alguma espécie de conhecimento.

E tinha de fato: sem precisar fazer consulta alguma, detalhou-me em pormenores o significado da Doutrina Monroe; a origem da resolução proferida pelo presidente James Monroe ao congresso americano; seus objetivos; sua aplicação e suas consequências nos meses, anos e séculos depois.

Fiz a prova de História Geral no dia seguinte e ganhei nota 10. Não apenas por resolver as questões inerentes à Doutrina Monroe; como também, outras pertinentes à Revolução Mexicana; à independência dos países latino-americanos de origem espanhola, e outros tópicos concernentes à formação política do continente americano.

Depois desse feito, tornaram-se rotina as conversas com o velho do coreto, que não sabia apenas História Geral: dominava Álgebra, como poucos, Física, Química, História, Matemática e até Latim, matéria que ainda fazia parte do currículo das escolas públicas de então. O homem, que atendia pela graça de Antônio Sacrossanto, era um oráculo em carne e osso.

Curioso com tanta sapiência, eu lhe perguntei certa feita por que, ao invés de ficar ali no coreto, sol a sol, apenas lendo (ou relendo) os 22 tomos da Enciclopédia Barsa; outros tantos da Enciclopédia Britânica; a primeira enciclopédia organizada por Denis Diderot, almanaques em francês e em inglês, enfim, uma enorme gama de impressos e compêndios, ele não estava fazendo parte do corpo docente da minha escola ali ao lado. Ele me devolveu um olhar profundo e respondeu sumariamente:

— Sou proibido de ensinar.

Tentei obter mais informações com ele acerca daquela interdição inexplicável, ele tergiversou e não me esclareceu o real motivo. Eu era muito imberbe, completamente desprovido de malícia, jamais entenderia realmente a razão daquele homem prostrar-se defronte a uma instituição de ensino e apenas ler, ler, ler, sempre sentado no último degrau da escada do coreto. Seria alguma forma de protesto sobre alguma coisa? Pois o homem apenas vivia lendo, lendo e vendo o mundo passar.

O coreto de minha cidade paradoxalmente não era como um coreto de uma cidade qualquer.

Os meses se passaram lentamente naquele ano especial. A primavera chegou. As flores desabrocharam. Bombas eclodiam nos corredores do

colégio. As provas finais chegaram. O verão batia à porta. Alguns colegas misteriosamente desapareceram das salas de aula. As flores ainda não haviam morrido. O calor pedia passagem. O resultado final dos testes foi divulgado e publicado. Eu estava apto a prestar vestibular na universidade da capital, com um ano de antecedência em relação à maioria dos secundaristas.

Naquele dia, saí feliz e radiante da escola. A primeira pessoa que busquei para comunicar o meu êxito foi o velho da enciclopédia Barsa. No entanto, após muitos meses, a figura do velho já não fazia parte da paisagem do coreto. Fiquei curioso. Fui até o pipoqueiro que mantinha ponto defronte à escola e procurei saber sobre o paradeiro do velho. “Desde ontem ele não aparece aqui, rapaz”, respondeu laconicamente o comerciante.

A curiosidade cedeu à frustração e a frustração à intriga.

Dois meses depois, quando viajava de ônibus, de mala e sonhos para a capital, ouvi dois senhores no banco de trás do veículo comentando algo que me atingiu como se fosse uma flecha:

“Você soube que Valdomiro Adorno, aquele terrorista procurado no Sul, foi preso em Bom Jardim na semana passada?”

“Pois é. O sujeito veio parar nessas bandas. Se passava por mendigo e ficava sentado naquele coreto em frente ao colégio.”

“Será que ele se escondia de fato ou tentava arregimentar algum aluno para a causa assassina dele?”

“Vá lá saber. Essa raça tem que ser extinta da face da terra.”

“Me disseram que o sargento Amoroso desconfiou do comportamento do homem, que se fazia de mendigo, quando ele começou a atrair jovens e a ler para eles pensamentos de um certo livro vermelho e grosso.”

“Bem do jeito deles. Não desistem mesmo, apesar da redentora ter liquidado milhares deles.”

Depois de ouvir aquele colóquio sobrenatural, passei o resto da viagem soturno, pensativo e contrariado. Sentia-me como uma espécie de inseto, inútil e peçonhento. Um tipo de sanguessuga talvez.

Dois anos depois, quando era secretário do grêmio estudantil da faculdade, comecei, de fato, a entender todos aqueles acontecimentos dos meus últimos dias de ginásiano. Os tempos, no entanto, eram outros. O mundo havia girado várias vezes e com as rotações e translações foram para o espaço muitas ideias, pensamentos, conceitos de vida, projetos e utopias.

Uma coisa, entretanto, arraigou-se para sempre na minha cabeça e no meu coração: a figura doce, cordial, generosa e sábia do velho da enciclopédia Barsa do coreto da cidade, que, de vez em quando, gostava de repetir esta frase emblemática: “Nunca se esqueça. Não há ideologias — o mundo se divide entre as criaturas que têm vergonha na cara e as que usam máscara para encobrir a hipocrisia e o desprezo pelo semelhante.”

NAUFRÁGIO

Antonio Victor

Por quantos anos naveguei teus olhos
mar de ternura onde afoguei meus sonhos
Duras saudades que hoje vêm-me aos molhos
beijar as praias do meu cais tristonho

Por quantos anos naveguei-te a palma
da mão amiga que aprendi de cor
Por quantos anos naveguei-te a alma
em devaneios que tingi de amor

Por quantos anos eu beijei-te a boca
sem ter beijado e sem pensar que louca
foi-me a palavra que deixei calada

Mas fui feliz quem sabe em meus enganos
melhor seria ter dobrado os anos
ter mais te amado e não ter dito nada

SER MENINO

José Augusto de Castro e Costa

Quando eu era pequenino os
mais velhos perguntavam:

—O que vais ser quando crescer? Eu
dizia. Eles gargalhavam.

Hoje não perguntam mais. Seria desatino.

Mas se o fizessem, eu diria: quero
voltar a ser menino!

Mas... de repente eu estanco.

Também sofre uma criança.

Na sua face há sempre

espanto, incerteza e insegurança.

Poderia eu, camisa aberta ao peito, ficar
à sombra dos laranjais?

—Viria por certo um sujeito
confundir-me aos marginais!

E sem preocupação, poderia

“jogar peladas” no asfalto?

—No asfalto há só confusão! Sofreria! Seria
tomado de assalto!

E brincar? Ir ao cinema? Um
sorvete em tarde quente?

—Sair de casa é um problema—
sempre ocorre um acidente!

Oh! Vida que eu adorava,

Rompeu-se! Nunca mais! É meu DESTINO!

Ardei, lembranças doces que eu amava!

Queimai, memórias minhas se ser menino!

A "CRÔNICA MEMORISTA" DE JOSÉ PEIXOTO JÚNIOR

Danilo Gomes

Continuação da página 1

Etemos a lembrança do namoro de Zé Peixoto e Mundinha, iniciado no chuvoso inverno de 1944. Mundinha nasceu no Ceará, na Chapada Araripe, e passou a infância e a mocidade no Cariri cearense.

A cativante narrativa biográfica, permeada de fino humor, apanágio do autor, contempla estágios vários: Crônica de Sertânia, Crônica de Petrolina, Crônica de Amaraji, Crônica de Garanhuns, Crônica de São Paulo (de 1969 a 1976). Em Brasília desde 1976, o autor se transforma, após décadas de honrado labor, no Aposentado, com direito a viagens de recreio (e fotos) com a família.

Muito antes de sua formatura em Direito, o autor descobriu o prazer e a importância da leitura. No decorrer dessas saborosas páginas confessionais, o cronista registra os nomes de alguns autores de sua estima, um de cada vez, em páginas diferentes, não de cambulhada, e que vou catando ao longo da narrativa: Machado de Assis, Gladstone Chaves de Melo, "o folclorista de Natal" (que é Luís da Câmara Cascudo), Cecília Meireles, Napoleão Neves, Brito Broca, Plínio Salgado (autor do muito festejado "Vida de Jesus"), Mário de Andrade, Silveira Bueno, Guimarães Rosa, Anderson Braga Horta, Teodoro Sampaio, Caldas Aulete, Aurélio Buarque de Holanda, Antônio Houaiss, Séguier, Jorge Luís Borges, Saulo Ramos, Alexandre Dumas Filho, Rilke, Alberto de Oliveira, Da Costa e Silva, Cristóvão Naud, Rachel de Queiroz, Eugênio de Castro, Miguel Torga, Camões, C.H. Cony, Maria Eugênia Celso, Humberto Gomes de Barros, Antônio Maria, Cyro dos Anjos, Martins Fontes, Mário Quintana, João Cabral, Vinicius de Moraes, Graciliano Ramos, Fabio de Sousa Coutinho, Afonso Arinos (o de "Pelo sertão", um clássico), Afonso Ligório Pires de Carvalho, Nilto Maciel, Terezinka Pereira. Eis uma mostra da vasta gama de suas leituras.

José Peixoto Júnior intercala, no texto em prosa, poemas brejeiros, ruralistas, sertanejos, até poemas de amor, quase epitalâmicos...

O memorista outorga bastante destaque à entidade de que foi presidente e continua conselheiro, a Associação Nacional de Escritores-ANE, para onde o levou o saudoso poeta e ficcionista Nilto Maciel.

Dados biobibliográficos do nosso autor estão registrados no "Dicionário de Escritores de Brasília", já em 3ª edição, de Napoleão Valadares.

O autor de "Crônica memorista" fez muito bem em escrever esse livro, de que se orgulharão seus netos e bisnetos. Ele realizou aquilo de que nos falou o esquecido e grande cronista e historiador da cidade do Rio de Janeiro Vivaldo Coaracy (1882- 1967) na crônica "Os maracujás", do livro "Pôr-do-sol na ilha" (que é Paquetá, onde ele sabiamente morou, feliz, por muitos anos):

"Verdade é que todos nós, desde que dobramos certo cabo na peregrinação da existência, sentimos suave prazer em volver os olhos da memória para os dias distantes da meninice, em recordar saudosos os cenários, os episódios, as figuras de uma fase da vida em que, despreocupados e felizes, não suspeitávamos do que nos reservava o destino."

Peixoto Júnior foi além: contou-nos sua fecunda e exemplar vida, da meninice casimiriana e sertaneja até os 92anos, em 2017; além também das Bodas de Vinho com sua querida Mundinha.

Da sua geografia sentimental da infância e mocidade (sítio Genipapo, Serra Araripe, Cariri, Gravatá, Jaguaribe, Granito, Serra do Bodocó, cidade de Jardim) até os dias de hoje, temos um belo mosaico, um madrigal em prosa em louvor da vida, que ele contempla como um verdadeiro esteta, de tudo haurindo lições de beleza e da sabedoria do dia a dia.

Do alto dos seus robustos 95 anos, o sertanejo e cidadão poeta e prosador José Peixoto Júnior não esgotou seu rico bernal de lembranças. Pode regalar-nos com um segundo volume, contando-nos mais histórias de sua vida exemplar, de sua saga peregrina neste mundão de Deus.

DIA DO AMIGO

Arlete Sylvia

20 DE JULHO é considerado o "DIA INTERNACIONAL DO AMIGO."

Porém acho que nós não precisaríamos determinar um dia dedicado ao "AMIGO." Amigo é aquele com quem podemos contar em qualquer dia, hora e lugar.

Amigos são indispensáveis. Há amigos distantes que vemos raramente, mas sabemos que estão sempre presentes em nossa vida, pois quando deles precisamos, nos confortam com uma palavra e, se necessitarmos fazer um desabafo, estarão prontos a nos ouvir.

Às vezes sentimos sua presença seja numa paisagem, numa música ou simplesmente por um caminho que passamos, sempre haverá algo que nos faça lembrar que os temos ao nosso lado.

Nossa vida é uma viagem e os amigos são os nossos companheiros. Há amigos antigos que nunca esquecemos e novos que jamais iremos esquecer. Ter amigos é como possuir um valioso tesouro.

"UMA AMIZADE VERDADEIRA É COMO UMA ALMA EM DOIS CORPOS."

Aristóteles

"EU PODERIA SUPORTAR, EMBORA NÃO SEM DOR, QUE TIVESSEM MORRIDO TODOS OS MEUS AMORES, MAS ENLOUQUECERIA SE MORRESSEM TODOS OS MEUS AMIGOS."

Vinicius de Moraes

"NINGUÉM PODE VENCER SOZINHO, SÓ SEREMOS DE FATO FELIZES QUANDO FORMARMOS UMA PERFEITA AMIZADE."

É PRECISO FAZER AMIGOS.
É PRECISO TER AMIGOS.
É PRECISO SER AMIGO.

DOIS POEMAS

José Santiago Naud

(★1930 †2020)

SONETO IV

Perdi o amor em vós, minha senhora,
procuro o vosso olhar. Já não encontro
o ardor que, num minuto ou numa hora,
consumia-nos vivos no confronto

de um tempo intemporal. E assim confiante
nossos corpos e almas inflamava
como a asa nos céus altos, ondeante,
mais altura de amor enquanto amava.

Ora sou triste pelo que acontece
no momento em que toco o vosso corpo
e que o meu corpo como flor fenece,

enquanto o grande amor se refugia
além de mim e vós, tecendo um porto
na circular veloz da nostalgia.

OFÍCIO HUMANO

(...)
Olho e contemplo este homem no bonde,
a quem por certo nunca falarei,
e talvez nunca tornarei a ver.

Olho este homem junto a mim, e penso:
nossa língua é a mesma, seu gesto de carinho
na amiga que ignoro é ao meu idêntico.

No entanto somos dois e estamos sós
na multidão que oprime. Bastaria
um gesto meu tocar no seu silêncio
e a palavra instantânea como flor brotaria.

No entanto vamos ásperos,
maltocáveis, espessos.
Entretanto, na vida os caminhos cruzaram,
e amanhã eu poderia exclamar: Hoje o vi!

Irmãos desconhecidos – é impossível
um dia não mordermos o mesmo pão no trigo
ou delirar, mãos juntas, na cor que esconde a vinha.

MICROCONTOS

Paulo José Cunha

GALILEU E GALILÉIA

A avó enfiava um pauzinho no chão, ficava olhando, e nada.

Uma semana, três, nada: o pauzinho não mudava de lugar.

Resmungava:

“E ainda tem gente que acredita nessa história de que a Terra gira”.

PARA EVITAR A TENTAÇÃO DE OLHAR

Desde que um raio lhe roubou o filho, cobriu-se de luto e nunca mais tirou da cabeça o chapéu de abas largas.

Rompera com o céu e com quem lá morasse.

PROCURA-SE

O almanaque dizia que, entre os bilhões de habitantes do planeta, só uns poucos milhões são ateus. Por isso estranhou quando escreveu uma carta destinada a Deus, endereço: Céu. Selou, pôs no correio mas, ao fim de dois dias, a carta voltou: “Destinatário desconhecido”.

PRA QUE TE QUERO

Quando começaram a lhe nascer raízes nos pés foi ao comércio e encomendou um novo par de asas.

POR UM PROFUNDO SENSO DE CIVISMO

Embainhou a espada, guardou a pistola no coldre, juntou os calcanhares, empertigou-se, acariciou as condecorações e bateu continência. Percebeu na imagem refletida no espelho que a velhice chegava. Treinado para matar, de repente ocorreu-lhe que a vida chegava ao fim sem nunca ter matado alguém. Considerou tal fato uma ofensa à sua biografia, precisava redimir-se, sacou a pistola e explodiu os miolos.

VISITA

Última Flor sabia que a hora se aproximava. Mas não se ouvia rumor, leve que fosse. Balançou-se apreensiva, com aquele jeito das flores se balançarem, quando ficam nervosas. Empalidecia a olhos vistos. Mas, vaidosa, cuidava-se. E com ajuda do vento afugentava insetos, sacudia as folhas secas ao chão e procurava manter-se com um mínimo de frescor, já que a beleza lhe fugia. Ele viria, tinha de vir, nem que fosse pela última vez.

Enrubescou ao ouvir o ruflar que conhecia tão bem. Ele! A palidez sumiu. Estremeceu de gozo diante da elegância com que se aproximou, fazendo-lhe a corte. Como um mestre-sala, rodopiou a seu redor, antes de beijá-la. Ela adorava a ternura de seu beijo, durante o qual sugava-lhe o néctar. Emocionou-se, mas conteve-se. Não queria que a visse chorando. Cumprimentou-o e agradeceu a visita curvando suavemente o caule. Ele fez uma mesura de despedida e começou a se afastar, num vibrar de asas. Ela esperou que ele se distanciasse. Só quando teve certeza de que ele não perceberia, deixou cair a primeira pétala.

O SORRISO DA GIOCONDA

Gastou cada centavo da riqueza inestimável. Mas realizou o sonho de juntar numa coleção particular as mais importantes obras da pintura universal. Não lhe sobrara tostão, nem para uma cadeira, muito menos para a calefação. Ainda assim, sentia-se leve, feliz. De pé, no meio do galpão onde se enfileiravam os mais belos e valiosos quadros, apertou as abas do casaco, enquanto a temperatura caía. A dezenas de quilômetros de qualquer abrigo, concluiu que, se tentasse sair, morreria

congelado. Teria de queimar alguma coisa para se aquecer. Foi assim que tornou-se o primeiro e o único homem do mundo a descobrir o calor que Leonardo escondeu durante séculos atrás do misterioso sorriso da Gioconda.

VERDADES E MENTIRAS

Para tornar-se dono da sabedoria universal, leu todos os livros do mundo. Mas ao chegar à última letra da última linha da última página do último livro percebeu desolado que toda palavra é símbolo, e por não ser a coisa que simboliza, todo símbolo guarda uma mentira. Portanto, tudo o que aprendera com todos os livros do mundo não passava da mais deslavada mentira. Para alcançar a verdade, teria de desaprender tudo. Por isso resolveu desler todos os livros. Para alcançar o intento, leu-os novamente, só que de trás pra frente. Já velho, quase cego, ao chegar à última letra da última linha da última página do último livro, descobriu que continuava desconhecendo a verdade. Em compensação, tornara-se senhor de todas as mentiras do mundo. Conhecia-as agora pelo direito e pelo avesso.

CARTA AO EDITOR

Pede-me Vossa Excelência que proceda a um comentário sobre o livro *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares 1939-2008*. Meus pares colocaram-me em posição ímpar, o que muito me eleva, honra e consola. No volume anterior (1908-1939), li relatos de vários contemporâneos. No de agora, os pósteros se manifestam, falam de um indivíduo que só conheceram no papel. O papel talvez seja o lugar em que o homem surge na sua melhor versão, nem sempre a verdadeira. Ensaístas, poetas, ficcionistas, gente de alta qualidade, todos pinçaram um naco de meu corpo literário. Na ótima apresentação de Hélio de Seixas Guimarães e Ieda Lebensztayn, constatei, entristecido, que hoje quase não me consideram poeta ou dramaturgo, mas apenas prosador. Mudou a poesia ou mudou o leitor? Ambos, provavelmente. Por outro lado, alguns expoentes de nossas letras, quando jovens, me criticaram, e,

maduros, me teceram encômios: antes disso do que o contrário. Julgava minimamente conhecer-me; a leitura desta obra demonstrou-me que não. Ora dizem-me frio, ora caloroso, ora impiedoso, ora complacente, ora absenteísta, ora participante. Deduzo que não sou o que penso ser, mas aquilo ou aquele que o olhar alheio decreta. Certo escritor, referindo-se a Capitu, declarou que enigma não há. Como já morri há 111 anos, devo ser franco, pois a franqueza é a primeira virtude de um defunto: enigma há, sim, e atende por um nome: o meu. Peço-vos vênias para concluir valendo-me dos versos que Carlos Drummond de Andrade me dedicou: sem mais resposta, saio pela janela e dissolvo-me no ar.

Atenciosamente, J. M. Machado de Assis

(psicografado por Antonio Carlos Secchin)

EMOÇÕES À LUZ DO ISOLAMENTO SOCIAL

Júlia Sursis Nobre Ferro
Bucher-Maluschke

Na calada da noite
Chega Nosferatu* e com ele vem
Medo, Pânico, Morte...
Cidades e ruas vazias;
Casas com pessoas assombradas e angustiadas
Obrigada Manuel Bandeira
por ter nos apontado Pasárgada**
para povoar nossos sonhos e esperanças.

*Nosferatu – filme alemão realizado em 1922 com o subtítulo: uma sinfonia do horror.

** Pasárgada – poema de Manuel Bandeira: “Vou-me embora pra Pasárgada,” publicado em 1930, no livro “Libertinagem”, que evoca uma fuga da realidade para um mundo melhor.

JESUS SÃO PAULO CONSTANTINO

Paulo de Albuquerque Madeira

A Palestina de Jesus continuava sob ocupação do Império Romano. E Jesus, ao que parece, apenas ACREDITAVA... Em quê? No que prometiam as profecias: ou seja, que o “Deus dos Exércitos”, Javé (Iahweh) daria um jeito nisso... (por intermédio de um poderoso Messias).

Jesus, sendo exemplarmente religioso, NÃO DUVIDAVA dessas (fantasiosas) crenças judaicas. Ao contrário, alimentava, SEM HESITAÇÕES, a convicção de que tais fés lhe tinham sido implantadas por seu Deus. Portanto, indubitavelmente, um Messias viria.

Todavia, aquelas expectativas revelaram-se infundadas ilusões. E que ilusões... E Jesus, coitado, sem as ajudas divinas do “Deus dos Exércitos”, terminou por perecer na cruz, passivamente.

E depois? Ah, depois muitos cuidaram de metamorfosear alguns dos ensinamentos e crenças e a engendrar doutrinas que explicassem por que o líder Jesus foi tão facilmente neutralizado. E, desse modo, construiu-se, em especial, uma artificial justificativa para contornar o fato (decepcionante...) de não ter acontecido uma reviravolta espetacular, esperada (também por Jesus!) durante o seu calvário, com direito a apoteose fantástica e tudo o mais...

E a doutrina assim forjada resultou na bagagem de preceitos que vieram a constituir “o cristianismo”. Talvez mais que Jesus, foram vários de seus seguidores que *bolaram* (*ex post*) ensinamentos e interpretações que explicassem o porquê daquela aparentemente inglória morte de Jesus, a saber: Aquele sacrifício todo era necessário (e ainda bem que foi suficiente) para funcionar como o condão mágico destinado a REMIR, isto é, a PAGAR por nós o débito de todos nós (*sic*) correspondente ao “pecado original”, que não fora cometido por cada um de nós, mas por outra pessoa, Adão...

É claro, porém, que não é de bom alvitre que a uma ou mais pessoas seja imputada a culpa de outra.

Mas isso foi ‘decretado’, o transplante do pecado de Adão, o “original”, para toda a humanidade.

Então, como e por que se aceitou tão facilmente essa notória incongruência? É que, marotamente, teve-se o cuidado de acondicionar, junto com o libelo acusatório contra toda a humanidade, uma BELA SAÍDA... Qual? Disseram que o único remédio para a cura daquele mal, daquele pecado, enfim, para REMIR tão imensa culpa, ou seja, para PERDOÁ-LA, era aquele sacrifício de Jesus.

Mas, por que de Jesus e não de quem cometeu (e/ou herdou) o tal “pecado original”? Ah, porque só Jesus, por não ser um simples humano, e, graças a isso, não trazer em si a nódoa daquele pecado, só ele, por, em vez disso, ser o incólume FILHO DE DEUS, só ele detinha méritos à altura de dar conta de quitar semelhante DÍVIDA para com “o Pai”. Enfim, só ele poderia obter a REMISSÃO DOS PECADOS (de outrem...).

Mas ele não era obrigado a submeter-se a isso. Então, por que o fez? Aqui outra criativa *explicação*: Por amor a nós. “Infinito” (e gratuito...) amor. Só por isso! Não foram méritos nossos que granjearam esse inestimável prêmio, o PERDÃO e, de lambujem, o amor de Deus.

Incrivelmente, tudo pelo que Jesus passou já estaria programado, para esse amoroso fim (*sic*). E, assim, toda essa bela versão resultou no cristianismo que VINGOU.

Mas os tempos passaram e, com os dias que se seguiram ao desaparecimento do líder Jesus, as pessoas foram, pouco a pouco, a duras penas, constatando que não havia mais esperanças (realistas!) de se livrarem dos opressores romanos. Restou, então, abraçarem as fictícias, porém reconfortantes promessas de felicidades, se não nesta vida terrena, depois dela, na vida celestial.

E o Messias? Os judeus ortodoxos parece que ainda o esperam. E quanto a nós, os cristianizados? Bom, mais tarde, no século IV, Constantino cuidou de sincretizar suas pagãs crenças locais *Sol Invictus* e Mitraísmo com o Cristianismo que já tanto se infiltrava. E, assim, ele foi moldando o paganismo-cristianismo como melhor lhe convinha e consolidando-se como Sagrado Imperador Romano.

E o Messias? Ah, Constantino não se fez de rogado. Considerou que ele, sim, como o real CONCRETIZADOR político e militar da difusão do cristianismo por Roma e seus domínios, na inegável condição de poderoso líder guerreiro (como as profecias prometiam), ele, sim, é quem, por isso, se enquadrava e estava a desempenhar (finalmente, com sucesso) a tarefa que era esperada de um Messias: dominar e impor suas crenças.

E Constantino, o Sacro Imperador, que nomeava até papas, como Silvestre I, fez convocar o Concílio de Niceia, que substituiu muitas das primeiras versões do Novo Testamento pelas que agora temos, de modo a deixá-las melhor adaptadas a suas conveniências políticas.

Epílogo: E vieram as Idades Média, Moderna, Contemporânea e sofisticadas tecnologias, computadores, cibernética, robôs, inteligência artificial, nanotecnologia, engenharia genética e, com o advento da biotecnologia, prevê-se o forjamento de uma elite de “super-humanos”, estes, munidos de capacidades físicas e cognitivas muito ampliadas.

E o que eles poderão *aprontar*? Encrencas à vista... A incógnita é: Se apenas alguns poucos serão “super-humanos” e os demais, não, como ficarão as relações entre uns e outros? Se você ficou curioso (e preocupado), veja o que diz Harari no livro HOMO DEUS – Uma breve história do amanhã. E quanto à inteligência artificial (I.A.), ela, em especial, nos afetará a todos. Você poderá ver em outro livro, o do chinês cosmopolita Kai-Fu Lee: I.A. – Como os robôs estão mudando o mundo...

A LIÇÃO DO VELHO MACHADO

M. Paulo Nunes

Reli a historietta contada por Josué Montello, no *Anedotário Geral da Academia Brasileira de Letras*, e a relembro aqui a propósito de episódio banal comigo ocorrido.

Machado de Assis, jovem cronista parlamentar, era distinguido com a amizade do Visconde de Abaeté, Antônio Limpo de Abreu, apesar da diferença de idade e situação que os separava. Tão de político com o jovem jornalista ou simpatia e admiração pelo moço escritor que aos poucos vinha abrindo seu caminho? pergunta o romancista.

Daí a surpresa do escritor, quando cruzava o Visconde, que vinha num tálburi, tirando-lhe o chapéu, num cumprimento que não fora correspondido. Que teria passado, disse de si para consigo o futuro romancista, intrigado com o episódio. Ficou aguardando uma oportunidade para que as coisas se esclarecessem.

Na tarde desse mesmo dia, no Senado, sentiu que lhe beliscavam a orelha e ao voltar-se, para ver quem era, deu com o Visconde, que sorria.

Disse-lhe da satisfação com que recebia aquele gesto carinhoso e aludiu à cena da manhã.

Ainda sorrindo, contou-lhe o Visconde o que ocorrera.

A caminho do Paço, partira-se uma peça do *cupé* que o conduzia, tendo que recorrer a um tálburi de praça. E concluindo: – O Presidente do Senado não pode ser visto num tálburi.

Passam-se os anos.

Machado de Assis, já velho e viúvo, aproxima-se do bonde que o levará ao cemitério de São João Batista, para depositar, no túmulo da saudosa companheira, uma braçada de flores:

“restos arrancados
da terra que nos viu passar unidos
e ora mortos nos deixa e separados.”

Ao tentar alçar-se ao balaústre da condução, é advertido pelo condutor nos seguintes termos:

“– O senhor não pode viajar com um embrulho desse tamanho no carro de primeira.”

E de forma enérgica e imperativa:

“– Desça daí e vá no carro de segunda.”

O velho escritor, o maior de seu país e de sua língua, obedece a ordem e toma o bonde de segunda classe.

E desde então poderia ser visto aos domingos, com a sua braçada de flores, em um carro de segunda, a caminho do túmulo de Carolina, o Presidente da Academia Brasileira de Letras.

“É de se conjecturar, conclui o autor de *A Noite sobre Alcântara, ao longo da viagem, o mestre de Dom Casmurro há de se ter lembrado do Visconde de Abaeté, que não queria ser visto, como Presidente do Senado, num tálburi de praça...*”

Ao longo de minha já sofrida convivência com a variada e rica fauna humana, tenho frequentemente me defrontado com a arrogância e a empáfia (ou “embófia”, como dizia um saudoso amigo meu, Wilson do Egito Coelho) dos pretensiosos e dos tolos e de vez em quando me lembro da lição de humildade do velho bruxo do Cosme Velho, o que me leva a reconciliar-me com a espécie humana.

Além do mais, segundo a observação de Norberto Bobbio, em suas memórias, transcrita em meu último livro, há pouco publicado, “*diante do sucesso dos insolentes, dos arrogantes, dos muito seguros de si, consigo ser completamente indiferente*”.

OSCAR WILDE: AUTOR OU PERSONAGEM?

Júlio Cezar

Continuação do número nº 101

Conhece então nesse período de fausto e grande influência sobre o círculo intelectual do país o jovem Lord Sir Alfred Douglas, com quem passa a ter uma forte e ostensiva relação sentimental. Curioso que a Inglaterra era considerada naquele século o berço das ideias libertárias e revolucionárias, como refúgio intelectual de grandes e renomados escritores e cientistas, como Karl Marx, por exemplo, mas ao mesmo tempo o túmulo da liberdade sexual, ou de certa forma as atitudes anômalas ou excêntricas de acesso ao prazer. Um muro intransponível que o refinado autor não percebeu, a começar pelo uso desbragado do absinto e do álcool. O pai de Lord Douglas, Marquês de Queensberry, envia um bilhete para Oscar com os dizeres “a Oscar Wilde, conhecido sodomita”, termos considerados ofensivos por este, que entra com um processo na justiça contra o Marquês por suposto crime de difamação. Consta ademais que o próprio Lord “Bosie” teria instigado Wilde a prover a reclamação judicial por conta de uma relação familiar abalada.

Oscar Wilde, possuído de uma certeza inabalável no êxito da sua demanda, talvez embriagado pela fama e pelo desvario de Senhor da moda e estilos, além de autor teatral consagrado, adulado pela mídia e pela alta sociedade londrina, sofreu uma derrota nos tribunais e de autor transforma-se em réu, condenado por suas práticas homossexuais a dois anos de reclusão no cárcere de Reading, onde compõe o belíssimo poema “A Balada do Cárcere de Reading”. É o início do fim; a partir daí começa um doloroso declínio, social e moral, além da redução gradual das atividades como intelectual influente, formador de opinião. O acontecimento da condenação e prisão, sobretudo por conta do motivo é sem dúvida um episódio que divide sua existência em duas fases distintas: pedestal e masmorra, luz e sombra. Seus livros desaparecem das livrarias, suas comédias saem de cartaz; tem seus bens leiloados para pagamento de custas processuais e até seus filhos são retirados de sua tutela. Mais tarde a justiça faculta à ex-esposa retirar do nome dos filhos seu sobrenome, suprema humilhação, verdadeiro banimento social e familiar, talvez pior do que a reclusão forçada atrás dos muros do cárcere. Primeiro é recluso na prisão de Wansworth e depois é transferido para o Cárcere de Reading.

Interessante ademais, a despeito da derrota nos tribunais em primeira instância Wilde ainda não se convence da sua fragilidade diante da forte intolerância moral com sua conduta e ainda aposta na sua intocabilidade, fruto da presunção de estar acima dos mortais contemporâneos. Egotria?

Em abril de 1895 começa o julgamento do primeiro dos processos contra Wilde, detido pro tempore como réu de crime inafiançável; em maio do mesmo ano, por falta de uma decisão terminal do júri, é-lhe concedida liberdade sob fiança. Seus amigos recomendam e preparam sua fuga para a França. Ele se recusa a aceitar a proposta. Retorna aos tribunais poucos dias após, quando então é condenado a dois anos de reclusão com trabalhos forçados. No cárcere produz entre outros escritos *De Profundis*, um clássico anarquista, *A Alma do Homem sob o Socialismo*, um libelo/ensaio sobre a condição humana, e a célebre *Balada do Cárcere de Reading*. Cumprida integralmente a sentença e finalmente posto em liberdade em 1897, volta a encontrar-se com Lord Douglas sem no entanto reatar laços de uma união insólita. Lord Douglas no entanto exige da família a manutenção de auxílio financeiro a Wilde, em situação de penúria. Lord Douglas em suas memórias escritas no ano de 1938 critica a obra e de certo modo a vida de Oscar Wilde,

em livro intitulado *Sem Desculpas*. Escreveu então: “O pensamento que só recentemente me ocorreu é terrível. Será que meu pai realmente me amou todo o tempo, da mesma forma como certamente o amei antes que se voltasse contra mim, e, estaria ele fazendo o que Oscar diz em sua grande Balada, que todos os homens sempre fazem, matar aquilo que mais amaram? Será que nos três, Wilde, meu pai e eu, não fizemos mais ou menos isto?!”

Bem, esse relato biográfico, inobstante extenso, parece indispensável à compreensão plena da vida/obra do grande escritor; chama-se a isto contextualizar a obra para devida e arguta compreensão dos elementos formadores de juízo e assim promover uma análise correta, verossímil da natureza do discurso literário. Sobretudo quando autor e personagem revelam uma afinidade quase promiscua, uma estreita aproximação entre obra e vida do autor, muita vez sem limites definidos ou plano de clivagem, como se diz em medicina cirúrgica.

Convém apreciar algumas frases e aforismos de rara agudeza e extrema sabedoria que celebram o extraordinário talento desse escritor como analista da natureza humana e exímio decifrador dos quase insondáveis segredos da alma (alheia), mestre em frases marcadas pela ironia, sarcasmo e cinismo:

“Todo mundo sabe compadecer o sofrimento de um amigo, mas é preciso ter uma alma realmente bonita para se apreciar o sucesso de um amigo.”/ “Só há uma coisa pior do que estar na boca do povo; é ser simplesmente ignorado.”/ “Escolho meus amigos pela beleza, meus conhecidos pela respeitabilidade e os meus inimigos pela inteligência.”/ “Só os que perderam a cabeça sabem raciocinar.” “As leis são feitas para que as autoridades possam se esquecer delas, assim como realizam-se casamentos para que o tribunal de divórcios não fique ocioso.”/ “Todos nós estamos na lama, mas alguns sabem ver as estrelas.”/ “Experiência é o nome que todos dão aos próprios erros.”/ “A tragédia da velhice consiste não no fato de sermos velhos, mas no fato de nos sentirmos jovens.” “A vida é muito importante para ser levada a sério”/ “Ah, não me diga que concorda comigo! Quando algumas pessoas concordam comigo, tenho sempre a impressão de que estou errado!”/ “Não deixe de perdoar seus inimigos, nada os aborrece tanto!”/ “Um homem pode viver feliz com qualquer mulher, desde que não a ame” “Posso resistir a tudo, menos as tentações”, “A felicidade de um homem casado depende das mulheres com as quais não se casou.”/ “A única coisa necessária é o supérfluo”

O autor

Wilde pode ser considerado à luz de sua época um autor de estilo mal-definido, isto é sem enquadramento adequado numa escola ou linhagem literária; talvez a condição de teatrólogo e escritor, sensu strictu, além da personalidade extravagante, contribua para uma definição exata do estilo literário. Houve quem o rotulasse como decadentista. Além disso é notória a alta versatilidade e um talento quase olímpico. Há que se considerar ademais em sua obra o caráter personalista, egocêntrico e o exaltado acento de egotria. Há sim um culto desmedido a sua personalidade, com laivos exibicionistas no modelo social onde forma e conteúdo às vezes digladiam em busca de luz e espaço. Difícil dizer qual era a vertente criativa mais forte, talvez a de dramaturgo. Mas Wilde com frequência derramava em sua obra, escrita ou falada, elementos da própria personalidade e parecia de certa forma um “autor” do próprio enredo social, que se pode chamar destino.

O comportamento sexual pode ser classificado como ambivalente, senão bissexual, tendo em vista a

trajetória conjugal e todos os envoltimentos extraconjugais. A homossexualidade (“a um conhecido sodomita”) foi de certa maneira o motivo formal ou convencional da abertura do processo por crime contra os costumes e normas sociais, resultando em severa punição (sobretudo por conta dos trabalhos forçados, menos pela simples reclusão). No entanto o leit-motiv pode ter sido a devassidão, senão evidências de pedofilia em vários acolhimentos de menores em famoso hotel londrino, que consistia em afronta a moralidade victoriana, além de desafio às elites anglicanas e à própria monarquia. Wilde denunciava em sua dramaturgia a falsa moralidade das elites inglesas, a hipocrisia da alta sociedade, inclusive com forte acento de defesa das populações de baixa renda, senão aqueles considerados excluídos sociais (desempregados, mineradores, trabalhadores da indústria fabril emergente, etc.). Vide uma de suas obras, *A Alma do homem sob o socialismo*, que vem a lume no ano de 1891.

Mas sua conduta social refletia a forte e vigorosa prevalência dos instintos sobre a própria racionalidade crítica, enquanto usava seu talento criativo para proteger uma sexualidade exaltada e bizarra, senão insólita, convenhamos. Este comentário se exime de qualquer conotação homofóbica, posto que o que está em jogo é a forma escandalosa, ostensiva e até acintosa de um comportamento antisocial, inobstante o caráter hétero ou homossexual. A forma vulgar e escandalosa do ativismo sexual, sobretudo considerada à luz da sua época e dos costumes vigentes. Não causa estranheza que seu lema, enquanto militante da estética, fosse a arte pela arte, esteticismo advindo da cultura grega e até da sexualidade greco-romana, da qual era estudioso. “Sou o amor que não ousa dizer o nome”, assim falava com frequência. Sempre em defesa do “amor que não ousa dizer o nome”, definição da homossexualidade, tido por ele como a forma mais perfeita de afeição e amor.

A própria existência de Wilde torna-se ilustrativa da sua tese como peça teatral: “adoro o teatro, é muito mais real do que a vida”. Esquecia apenas que na cena teatral ele era autor absoluto do enredo, dono dos personagens e protagonista privilegiado e onipotente; já na vida real... bem, na vida real, no máximo coautor em cenário fora do seu controle.

Oscar Wilde falece em novembro de 1900, em Paris, num hotel de segunda categoria, praticamente só, acometido de meningite provavelmente relacionada com precárias condições de vida e higiene, além da comorbidade como portador de um colesteatoma (espécie de lesão cística em ossos do crânio que pode se infectar e contaminar áreas vicinais). Além da infecção consta que era portador de sífilis, usuário de álcool e absinto. Consta na Wikipédia que em seu leito de morte foi aceito pela Igreja Católica Romana e Robert Ross, amigo, teria providenciado a presença do Padre Cuthbert Dunne, que administrou o batismo e a extrema-unção. Foi sepultado em Bagneux e transferido para o Cemitério Père Lachaise, o mais famoso de Paris, onde estão túmulos de celebridades da época como Balzac, Chopin, Moliere, entre outros. Presente ao funeral apenas o fiel amigo Robert Ross, que por sinal o acompanhou nos últimos anos de vida em Paris. Lord Douglas ironicamente arca com todas as despesas do funeral do escritor. Ross, canadense que fora seu hospede antes do matrimônio, acredita-se tenha sido seu primeiro parceiro homossexual.

Mestre supremo da comédia, encerra sua existência como personagem central de uma pequena tragédia. Falece sem resolver o enigma: autor ou mero personagem da própria obra?

ANDERSON BRAGA HORTA E A TRADUÇÃO LITERÁRIA

João Carlos Taveira

Entende-se que a **tradução** seja uma forma de reescrita, de reinvenção; porque traduzir é reescrever numa língua diferente. O objetivo precípuo é a produção de um texto que venha substituir o original, para aqueles que desconhecem o idioma em que aquele texto foi escrito. O tradutor é, assim, um tipo muito original de criador, pois cada língua tem sua especificidade semântica e gramatical, e isso leva a uma necessidade superracional de compreensão textual e cognitiva dos significados e significantes. Literariamente falando, nenhuma língua permite literalidade com outra, a tradução ao pé da letra... devido a expressões idiomáticas e outros pormenores idiossincráticos.

Por aqui, tivemos e temos muitos tradutores de alto nível. Podem ser citados tranquilamente Machado de Assis, Olavo Bilac, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Abgar Renault, Mario Quintana, Herbert Caro (não era brasileiro, mas traduziu Thomas Mann, Hermann Broch e Elias Canetti para o português), Paulo Rónai, Aurélio Buarque de Holanda, Antônio Houaiss, Aíla de Oliveira Gomes, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Ivan Junqueira, Ivo Barroso, Fernando Py, Paulo Henriques Britto, Denise Bottmann, Jorio Dauster, Caetano Galindo, José Lira, Leonardo Fróes, Paulo Bezerra, Rubens Figueiredo, Regis Bonvicino, Boris Schnaiderman, William Agel de Mello, Paulo César Sousa, entre outros, responsáveis por traduções imprescindíveis de livros de autores das línguas alemã, espanhola, francesa, inglesa, italiana, russa. Desses destacados artistas das palavras conhecemos hoje poemas, contos, romances, peças de teatro, relatos de viagens e ensaios fundamentais da literatura universal. Exemplos são muitos. Citemos alguns: Schiller, Goethe, Süskind, Hölderlin, Heine, Mann, Hesse, Zweig, Kafka, Rilke, Kundera, Capek, Hrabal (Alemanha e parte da Boêmia), Cervantes, Góngora, Quevedo, Lorca, Paz, Borges, Márquez, Vargas Llosa (Espanha e países de mesma língua), Balzac, Stendhal, Baudelaire, Rimbaud, Valéry, Victor Hugo, Flaubert, Zola, Proust, Mallarmé (França), Shakespeare, Milton, Austen, Kipling, Thomas, Orwell, Elliot, Poe, Faulkner, Passos, Steinbeck, Whitman, Miller, Bishop, Dickinson (Inglaterra e Estados Unidos), Maquiavel, Dante, Boccaccio, Moravia, Ferrante, Calvino, Eco, Pavese (Itália), Púchkin, Dostoiévski, Tólstoi, Tchekhov, Gogol, Górkí, Nabokov, Evtushenko (Rússia).

II

Na capital federal, três escritores têm se destacado no ofício da tradução, principalmente de poesia: o falecido Fernando Mendes Vianna (1933-2006), José Jeronymo Rivera e **Anderson Braga Horta** que, a seis mãos, verteram para a nossa língua Victor Hugo (*O Sátiro e Outros Poemas* e *Dois Séculos de Poesia*, a propósito do bicentenário do escritor francês) e os mais representativos poetas espanhóis de um período expressivamente histórico (*Poetas do Século de Ouro Espanhol / Poetas del Siglo de Oro Español*, edição bilingue, da Coleção Orellana n.º 12, do ano de 2000, da Embaixada de Espanha no Brasil, numa publicação cujo estudo introdutório é assinado por Manuel Morillo Caballero).

O primeiro livro (*O Sátiro e Outros Poemas*) sobre o autor de *Os Miseráveis* saiu pelas Edições Galo

Branco, do Rio de Janeiro, em 2002, e traz “Estudo Introdutório” do poeta Fernando Mendes Vianna. Já o segundo volume (*Dois Séculos de Poesia*), publicado pela Thesaurus Editora de Brasília, no mesmo ano de 2002, tem prefácio (“Quem foi Victor Hugo”) também de Mendes Vianna, “Cronologia” de José Jeronymo Rivera e “Epígrafes de Victor Hugo nos principais poetas românticos brasileiros”, capítulo que traz assinatura do poeta Anderson Braga Horta.

Anderson Braga Horta, a seguir, junta-se ao professor e escritor Rumen Stoyanov na tradução para o português do livro *Contos de Tenetz*, do escritor búlgaro Yordan Raditchkov (1929-2004), conterrâneo do segundo. Trata-se de um livro delicado e extremamente difícil de classificação de gênero, devido a uma característica personalíssima: as dezenove peças que o compõem transitam entre o regional, o infantil e o maravilhoso fantástico, no dizer do próprio Braga Horta, que mais uma vez demonstra sensibilidade poética ao traduzir, a quatro mãos com Rumen Stoyanov, diretamente do búlgaro um livro de ficção de um dos autores mais renomados daquele país. O escritor Yordan Raditchkov deixou uma obra estimada em mais de 60 volumes, entre os quais romances, contos, novelas, peças teatrais, roteiros cinematográficos e diversos relatos de viagens, e que já está traduzida em mais de 30 idiomas. E isso não é pouco.

Com base na sua experiência nesse ramo, Anderson Braga Horta também assina um livro em que apresenta sua própria teoria sobre o assunto. *Traduzir Poesia*, publicado pela Thesaurus Editora em 2004, com recursos oriundos do FAC – Fundo de Apoio à Cultura, sai a lume e traz no seu bojo todo um espectro de motivações sobre a importância da tradução, com seus dilemas e armadilhas, para deleite de leitores e conhecimento de literaturas de quaisquer nacionalidades. Uma grande obra, em que são apresentadas também traduções de quase duas dezenas de poetas, entre os quais Gustavo Adolfo Bécquer, Rubén Darío, Pedro Salinas, Vicente Huidobro, Francesco Petrarca, Paul Verlaine, Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, Rainer Maria Rilke, William Shakespeare.

III

Acrescente-se a toda essa trajetória, aliás, muito bem realizada, um longo e pertinente painel de momentos nem sempre isolados do autor de *O Cordeiro e a Nuvem*, com versões do português para o espanhol e traduções do espanhol para o português, digamos, de pessoas e poemas em trânsito, porque geralmente servidores diplomáticos creditados em Brasília em algum período de nossa época. Fato esse que demonstra e define muito bem o prestígio do poeta Anderson Braga Horta junto ao público leitor de diversos países europeus e do nosso continente sul-americano, principalmente. Sirvam de exemplos nomes como Trina Quiñones, Sofia Vivo, José Augusto Seabra (1937-2004), Rodolfo Alonso, José Antonio Pérez-Montoro, Eduardo Mora-Anda, Claudio Sesín, dos quais apresentamos a lista de títulos de livros em ordem de publicação.

Fugitiva. Trina Quiñones. Thesaurus, Brasília, 1993. (Tradução para o português.)

Caminhos de Integração / Caminos de Integración / Paths of Integration. Sofia Vivo. Thesaurus, Brasília, 1993. “Matemos a Rosa”, “O Tempo do Homem”, “Escorpião”, “Voos” e “Flecha” (traduzidos para o inglês por Asta-Rose Alcaide e para o espanhol por ABH, estes com revisão de Trina Quiñones). Coube a Anderson Braga Horta a tradução do espanhol para o português dos poemas de Mabel Cháneton, Manila Cháneton, Sofia Vivo (metade) e Trina Quiñones (menos um).

Vértigo del Verbo. Sofia Vivo. Brasília, 1995. – Traduções: “Larva”, “À Coreógrafa Denise Zenicola”, “Existência”, “Alegre”, “Morte”, “Quem Sou?”, “Labirinto”, “Vertigem”, “Tecedura”, “Saudade” e “Tenho Árvores”.

Colóquio dos Centauros (trad. de Rubén Darío). Separata do *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, n.º VIII, 1997.

Sac-Nic-Te y sus Memorias de Olvido. Sofia Vivo. André Quicé, Brasília, 2001. (Tradução para o português.)

Uma Noite de Poesia Ibero-Americana. Asociación de Agregados Culturales Iberoamericanos. Folheto de declamação de Fernando Mendes Vianna. Brasília, 18-7-2001. – Tradução para o português de “Un jour rappelle-toi”, de Emmelie Prophète (Haiti), e, para o espanhol, de “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens.

Poetas Portugueses y Brasileños de los Simbolistas a los Modernistas. Org. de José Augusto Seabra. Instituto Camões / Embaixada de Portugal em Buenos Aires / Thesaurus Editora de Brasília, Buenos Aires, 2002. Capa de Victor Tagore. 472 pp. – Traduções para o espanhol, com Rodolfo Alonso, José Jeronymo Rivera, José Antonio Pérez, Kori Bolívia, Manuel Graña Etcheverry, Rumen Stoyanov e Ángel Crespo. Notas sobre os poetas brasileiros por José Santiago Naud.

Antologia Pessoal. Rodolfo Alonso. Tradução com José Augusto Seabra e José Jeronymo Rivera. Thesaurus, Brasília, 2003.

Poemas Menores. José Antonio Pérez-Montoro. Livro na Rua, Série Escritores Brasileiros – Contemporâneos, n.º 9. Thesaurus, Brasília, 2005. 16 pp.

História dos Ideais. Eduardo Mora-Anda (*Historia de los Ideales: Valores e Ideales a lo Largo de la Historia*). Thesaurus, Brasília, 2006.

Antologia Poética Ibero-Americana. Com Fernando Mendes Vianna e José Jeronymo Rivera. Org. Pavel Égüez. Asociación de Agregados Culturales Iberoamericanos, Cuiabá, 2006.

Sac-Nic-Te y sus Horas Paganas. Sofia Vivo. De I a XXIX, o restante a cargo de Antonio Miranda. Metáfora, Buenos Aires, 2007.

El Libro de los Poemas Casuales / O Livro dos Poemas Casuais. Claudio Sesín. Editorial Dunker, Buenos Aires, 2008. – Trad. dos livros “La Noche sin Después y el Otro Día” e “Poemas Casuales”.

Salmos del Mar / Salmos do Mar. Eduardo Mora-Anda. Brasília, 2008. [Parte das traduções é de Antonio Miranda.]

Para uma pequena mostra do trabalho de Anderson Braga Horta, como exímio tradutor de poesia, escolhemos um poema de **Charles Baudelaire** por considerá-lo uma obra-prima da poesia francesa e da poesia universal.

L'ALBATROS

Souvent, pour s'amuser, les hommes d'équipage
Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
Le navire glissant sur les gouffres amers.

A peine les ont-ils déposés sur les planches,
Que ces rois de l'azur, maladroits et honteux,
Laisent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côté d'eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!
Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!
L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
L'autre mime, en boitant, l'infirme qui volait!

Le Poète est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.

O ALBATROZ

Às vezes, em folgança, os homens da equipagem
Capturam o albatroz, a grande ave do mar,
Que segue, companheiro indolente de viagem,
O navio no salso abismo a deslizar.

Mal o privam assim das altitudes francas,
Envergonhado e tonto, esse rei da amplidão
Deixa miseramente as grandes asas brancas,
Como remos, pender e arrastar-se no chão.

Que belo e majestoso era o viajante alado!
Como é frágil no chão, como é grotesco e vil!
Um mete-lhe no bico um cachimbo; outro, arqueado,
Arremeda, coxeando, o exilado do anil.

O Poeta é semelhante ao sublime albatroz
Que ri do arqueiro e arrosta a tempestade no ar;
Exilado no solo em meio à turba atroz,
As asas de gigante impedem-no de andar.

A PESTE: CAMUS, ARTAUD E RUBENS

Raquel Naveira

Interessante a teia de pensamentos e textos que vai se formando entre leitores e escritores. Li o artigo de Vera Lúcia de Oliveira, psicanalista e professora radicada em Brasília, no *Jornal de Letras/RJ*, intitulado “A peste e A Peste de Camus”. Trata-se de uma resenha do romance *A Peste*, do escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960). Um dia, na pequena cidade de Oran, aparece um rato morto na escada do consultório do Dr. Bernard Rieux. Era o primeiro sinal da peste, que se alastrou, ceifando vidas, trazendo à tona o melhor e o pior do ser humano: pavor, medo, indiferença, paralisia, fuga, solidariedade, ternura, a resistência através da arte, o amor ao próximo. Rieux é o símbolo do médico que vence o anjo exterminador, o médico da esperança.

Isso me remeteu imediatamente ao ensaio “O Teatro e a Peste”, de Antonin Artaud (1896-1948), o encenador francês, poeta, dramaturgo de aspirações anarquistas, o bruxo, o louco, o esqueleto vivo, o profeta excêntrico. Sentia-se desconectado de suas origens, oprimido por forças malignas e anuladoras. Nesse estado, entre visões de sangue e horror, contatos sobre a chegada, no começo de maio de 1720, de um navio a Marselha, recheado dos ratos da peste, um vírus vindo do Oriente. Sob a ação do flagelo, a ordem desmorona. É como se a doença fosse um instrumento direto da materialização de uma entidade, de uma força inteligente a que chamamos de fatalidade. Vêm a fadiga atroz, o estômago embrulhado, o pulso fraco, a língua grossa, os bubões na virilha e nas axilas, através dos quais o organismo descarrega sua podridão interior. São como estranhezas, mistérios, contradições provocando rupturas e espasmos. Acendem-se fogueiras para queimar os cadáveres. E é aí, segundo Artaud, que o teatro se instala. O teatro leva a atos absurdos. A situação do pestífero é idêntica à do ator penetrado e transformado por seus sentimentos, perseguindo a sua sensibilidade, em meio a um público de mortos e de alienados. A ação do teatro e da peste estão no plano de uma verdadeira epidemia. O ator trágico permanece num círculo puro e fechado. Há semelhança entre a peste que mata sem destruir os órgãos e o teatro que, sem matar, provoca no ânimo dos

indivíduos e do povo, profundas alterações. Como a peste, o teatro é um delírio comunicativo. Há no teatro, como na peste, algo de vitorioso e vingativo ao mesmo tempo. Acontece um imenso expurgo. Há um incêndio espontâneo. Uma liquidação. Assim como a peste, o teatro refaz o elo entre o que é e o que não é. O teatro nos desperta, comove, nos restitui conflitos adormecidos, trava batalhas de símbolos poéticos, signos de forças maduras. Uma verdadeira peça de teatro perturba os sentidos, libera o inconsciente, leva a uma revolta, impõe à coletividade reunida uma atitude heroica e difícil. O teatro é como a peste: revela e exterioriza um fundo de crueldade latente em nós. É o triunfo de forças negras que uma força maior leva à extinção. O teatro existe para vaziar abscessos. É uma epidemia salvadora. É uma crise que se resolve pela morte, pela cura ou pela extrema purificação. É a catarse que atingimos, por exemplo, assistindo às tragédias gregas e às tramas de Shakespeare.

Aprofundei-me nesses estudos sobre Artaud, sobre sua atividade intelectual frenética. Ele, de pouco convívio social, arrasado depois de uma paixão frustrada, cada vez mais dependente de ópio para aplacar as dores na cabeça e nos ombros, viajou para o México, numa busca esotérica, de contato com as cerimônias sagradas dos índios Tarahumaras. Era uma tentativa de encontrar respostas para seus tormentos. Ficou fascinado pelo sol do México, pela imagem cênica do imperador asteca Montezuma. Acreditava ser incrível para o teatro o tema da conquista do México pelos espanhóis. Inspirada nessa ideia, escrevi os vinte primeiros cantos da coletânea *Stella Maia e Outros Poemas* (Campo Grande/MS: UCDB, 2001). “Stella Maia” é a estrela de fogo iluminando o México. Uma mulher-sol adornada de plumas, colares de pedra, braceletes metálicos, segurando um girassol amarelo. É a estrela das civilizações perdidas dos astecas e dos maias. Era no México que vivia o espírito do Jaguar, sobre o vale onde hoje jaz a raça índia. Era ali que os deuses exigiam ofertas de corações humanos com suas bocas de pedra. O imperador Montezuma bem que pressentiu na fumaça do incenso e nas luzes na névoa, os navios de asas brancas que se aproximavam como

fantasmas sobre o mar, trazendo o extermínio. Veio então a terrível aliada: a peste, a varíola, com seu manto púrpura, passando por cima de toda uma população ameríndia.

Artaud desejava lavar a sua alma. Não creu que isso fosse possível com o legado cristão que recebera: o sangue do Cordeiro. Recorreu então às beberagens dos cactos do deserto mexicano. De volta à França, debilitado, entre eletrochoques e cartas lúcidas e desesperadas ao seu médico, Dr. Fredière, em terrível sofrimento, foi encontrado morto em seu quarto de hospício. Deixou roteiros, ensaios, peças e uma ópera. E também um material vocal, em que seus gritos batem, cavam, espetam, tremem, em surpreendentes exercícios teatrais.

Veio lá de entre os morros de Aquidauana/MS, o ator que melhor representou Artaud no teatro: Rubens Alves Correia (1931-1996). Rubens foi intérprete magistral. Em 1986, concebeu o monólogo-espetáculo chamado *Os Inumeráveis Momentos do Ser*, no porão do teatro Ipanema, no Rio de Janeiro. Foi uma montagem marcante que lhe rendeu inúmeros prêmios. Desenvolveu o personagem com toda a alta carga dramática, prevista no teatro da crueldade. Rubens de fato encarnou Artaud. Eram ele e seu duplo. Penetrou no domínio da dor, da sombra, do nada. Gemia e contorcia-se no palco, explodindo angústia. Caminhava pelo misticismo com poesia e fulgor. Esbugalhava os olhos. A boca, como um rasgo na face, tinha ânsia de beijos que não vieram nunca. Rubens amava a terra vermelha de Aquidauana assim como Artaud amava as montanhas do México. Rubens desenhava tempestades com as mãos como se fosse Van Gogh suicidado. Rubens ficava possuído, rodeado de corvos, sufocado por espíritos. Rubens via valor na loucura e dava forma à ameaça que era Artaud. Rubens, ator cheio de compaixão pelo homem e pelo gênio incompreendido, fingiu que era Artaud. Fingidor.

Vera Lúcia, como me fez caminhar em lembranças o seu artigo! O teatro e a peste são benfazejos porque fazem cair as máscaras e põem a descoberto o quanto somos pobres, miseráveis e nus. Nossa sede de teatro só será saciada no Juízo Final.

A GEOGRAFIA DOS AUTORES E SUAS OBRAS

Aldo Paviani

Continuação do número nº 101

Ao dar baixa, o general Albernaz regressou ao Brasil, viajou de Pedregulho, São Paulo, passando por Minas Gerais. Era um “picadão que ia a ter a Minas e se esgalhava por São Paulo e abria comunicação com o Curato de Santa Cruz”. Por esse caminho circulavam “bestas que iam ao Rio (com) o ouro e gêneros do país”. Esse caminho “morre ao sopé das montanhas azuis de Petrópolis”. Essa é a última demarcação geográfica do capítulo II, que se esgota com longo diálogo de Quaresma e Albernaz na casa da velha “tia Maria Rita”, onde haviam chegado para que ela ensinasse a ambos “umas cantigas”.

No capítulo seguinte, Lima Barreto retorna à questão do casamento da filha de Albernaz – Ismênia – com Cavalcanti. Nesse aspecto os diálogos somente trazem poucas instâncias geográficas. Adiante, os lugares irão surgir com assuntos da Guerra do Paraguai, quando Albernaz esteve a bordo de navio da Marinha, em Mato Grosso e passando pelo alto Uruguai, onde havia uma flotilha do Rio Grande. Nessas passagens, Albernaz esteve na cidade de Itaqui – Rio Grande do Sul – por um mês. O general Albernaz e o contra-almirante Caldas são responsáveis por longas falas até a entrada de quem dá nome ao capítulo – o Genelício. Este, ao chegar, enquanto os demais jogavam cartas, refere pela primeira vez que “o Quaresma está doido” – este mal que acaba sendo o título da obra de Lima Barreto, “triste fim de Policarpo Quaresma”, a loucura.

O capítulo IV traz poucas referências geográficas, pois se fixa nas “desastrosas consequências de um requerimento de Quaresma”. Trata-se do desejo de Policarpo Quaresma em tornar o tupi-guarani língua oficial do Brasil, pois, dizia, o “português é língua emprestada”. Fez um requerimento em tupi para que o Congresso Nacional aprovasse tal medida. Esse fato fez a cidade toda ler o noticiário dos jornais e os comentários que o major estivesse enlouquecido. E assim, se conclui a Primeira Parte com o capítulo V em que os topônimos que surgem são apenas as dos bairros e pontos do Rio de Janeiro já referidos, onde o que tem destaque é a insanidade de Quaresma. Neste ponto fica evidente sua ideia fixa de tornar o tupi-guarani “língua oficial do Brasil”.

No capítulo III, Quaresma recebe a visita do dr. Campos. É feita indicação que ele não nascera em Curuzu (Rio de Janeiro), mas talvez na Bahia ou Sergipe. Era também presidente da Câmara e Quaresma diz estimá-lo muito. Todavia, considerava que o médico tinha “de cor meia dúzia de receitas”, com as quais enquadrava as “moléstias locais em seu reduzido formulário”.

As Notas de Rodapé voltam a enriquecer a geografia da obra sobre Quaresma. Exemplificase: nas Notas 205 e 207, os organizadores indicam aspectos da campanha do Paraguai e o papel do diplomata Rio Branco. Anteriormente, Rio Branco exercera a profissão de jornalista em Liverpool, até 1893. Havia sido delegado da Exposição Internacional de São Petersburgo. Ao regressar ao Brasil, em 1902, foi peça chave na questão do Acre, resolvida pelo Tratado de Petrópolis. Em 1898, solucionou a questão do Amapá com a França, favorável ao Brasil. Além

disso foi “devotado pan-americanista” e incentivou a aproximação com as “repúblicas hispano-americanas” e a “amizade com os Estados Unidos”. Permaneceu nas Relações Exteriores até 1912, quando faleceu.

O *Triste fim...* valoriza as referências geográficas remetendo quase sempre registros de fatos da Guerra no Paraguai, com Lima Barreto comparando esse conflito com a Guerra da Crimeia (página 253).

A Terceira Parte e seus capítulos encaminham a obra sobre Policarpo Quaresma para o “triste fim”. Diga-se que são fins, que se revelam calcados em demências. Primeiro do pai de Quaresma – João Henriques – que enlouquece e vem a falecer após a insânia; a da filha do general Albernaz, que, por não ter casado, vai definhando, enlouquece e morre; a demência de Policarpo Quaresma/Lima Barreto se acentua (apesar ou por causa de seu patriotismo), quando vê muitas pessoas caçoarem, zombando de seu intento de implantar o tupi-guarani como língua oficial do Brasil (repetia: “o português é emprestado”). Considerado “ato insano”, o requerimento para a adoção do tupi, faz com que Quaresma fosse internado em hospício por alguns meses.

O capítulo 4 trata do Boqueirão e há retorno à geografia dos bairros do Rio de Janeiro. Nesse ponto é informado o estado deplorável do sítio de Quaresma no Curuzu e suas tentativas de nele cultivar alguns vegetais e plantas. Quaresma havia sido ferido na Guerra do Paraguai e repousava na ilha das Enxadas. Seu instrutor de violão, Ricardo Coração dos Outros, também ferido, “estava de guarnição na ilha das Cabras”.

Ao encerrar a obra, com o capítulo V, revelam-se muitos questionamentos de Quaresma. Entre essas questões, estava a de que, tendo “profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim?” e seguia com outras perguntas até a que, ao sair da ilha das Enxadas para a ilha das Cobras, indaga: “Por que estava preso?” Suas conjeturas o levaram a pensar em sua “miragem de estudar a pátria”, de amá-la e, na velhice, não ser condecorado, mas morto por ela... Tanto que, desejou a ajuda da afilhada, Olga, e de Ricardo Coração dos Outros para se safar do sofrimento. Olga e Ricardo foram ao Itamarati para interceder por Quaresma e ter um encontro com o presidente Floriano Peixoto. Olga, destemida, foi só e iniciou os contatos com “contínuos para ser recebida pelo marechal” (o ditador Floriano Peixoto). Foi inútil essa tentativa. Ao abordar um “ajudante de ordens”, este desconsiderou o pedido afirmando “Quem, Quaresma? Um traidor! Um bandido!” e concluiu dizendo que o marechal não o receberia. Olga retirou-se arrependida, por ter enxovalhado a “grandeza moral de seu padrinho com seu pedido”. Seguiu com Ricardo para Santa Teresa.

Retorno à Introdução. É nela, que Lilia Moritz Schwarc nos oferece sua visão e informa o “triste fim”. Escreve ela: “... nosso Policarpo, tal qual coqueiro sem frutos, morreria nas mãos de ‘seus algozes’; os mesmos aos quais voluntariamente se juntara”. E arremata: “Levaria, porém, para o túmulo ‘inteiramente intacto o seu orgulho, a sua doçura, a sua personalidade moral’”.

A obra, apesar de revelar – hipoteticamente – ficção com o “major” Policarpo Quaresma, trás a

realidade do início da República, com uma narrativa da ditadura do marechal Floriano Peixoto. Indica tentativas de contragolpes como o fracasso do movimento do marechal Deodoro da Fonseca contra Floriano. A narrativa nos leva a conhecer episódios pontuais da Guerra travada pelo Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai – governado pelo ditador Solano Lopes. Contudo, não são reveladas as causas do conflito e de tantas mortes, de ambos os lados.

Policarpo Quaresma é retratado como personagem patriota e culto, estando adiante de seu tempo, não sem oposição: algumas pessoas o contestavam por não ser ele “doutor”, questionam porque tinha Quaresma tantos livros... e em tantas línguas estrangeiras...

Lima Barreto mantinha ilusão de ver o Brasil dar as costas para o que fosse “europeu” e para isso, batalhou para dispensar o português como “língua emprestada” e introduzir uma língua “nacional”, o tupi-guarani. Essa foi sua insistência e sua desgraça, que o levou à loucura e à morte. Ao que parece, o livro nos traz ensinamentos, em meio à “desilusão e melancolia, tristeza e desistência”, de bandeiras nacionalistas para ter “um Brasil melhor” e em relação à própria existência dos dois, autor personagem – ambos visionários.

POEMAS

Alan Viggiano

BRUMA SECA

Apelo aos lavradores:
não façamos queimadas.
Agosto me entristece
com seus olhos de bruma.

A gosto me entristece
quando a bruma chegar.
Agosto me amanheço
quando a bruma secar.

Em tristesse de posse
de doces hectares,

encoivarei meus sonhos
dos fogaréus do amor.

O POEMA

Denso
como um pássaro que voa,
o poema nasce.
Nasce e sucumbe
sem que o grafite
o evangelize.

MAIS UM ELO

Rumen Stoyanov

A presença literária do Brasil na Bulgária tem três anos-chaves: 1859, 1902 e 1938.

Em 1859 o *Tzatigradski vestnik* (*Jornal de Tzarigrad*), na capital do Império Otomano, Tzarigrad em búlgaro, pois durante meio milênio, até 1878, quando recuperou sua independência, a Bulgária era parte do Estado Turco, publicou, em 18 números, *A Imigração ao Brasil*, uma novela curta, de autor alemão, cujo nome não consegui identificar. A narração foi traduzida por Mikhail Zafirov e Yossif Dainelov. Naquela altura em Constantinopla viviam cerca de quarenta mil búlgaros. Os folhetins contam o que aconteceu com uma família camponesa, que, devido a uma seca desastrosa, viu-se obrigada a vender suas terras escassas na Alemanha e embarcar para o Brasil. Aquele texto é o começo da brasilística búlgara. Ou seja, ela, mesmo dum jeito irregular, já percorreu um caminho cronologicamente impressionante, mais de um século e meio não é pouco tempo.

Em 1902 apareceu o livro *Brasil*, prêmio anual da revista *Priroda* (*Natureza*), editada durante 55 anos, entre 1893 e 1948, a qual chegou à tiragem de 10.000 exemplares, uma quantidade respeitável para a população do país na época. Aquelas páginas ofereceram aos leitores dezenas de matérias sobre o Gigante do Trópico. *Brasil*, cujos autores, búlgaros, não se nomeiam, contém 14 ilustrações. A *Priroda* foi a primeira fonte de palavras brasileiras na língua dos irmãos Cirilo e Metódio, criadores da escrita búlgara (855?) e santos das Igrejas Ortodoxa e Católica. *Brasil* é o primeiro livro feito por búlgaros sobre o país homônimo.

Em 1938 saiu *Dona Paula*, contos de Machado de Assis e Artur Azevedo, traduzidos por Krum Yordanov, provavelmente do francês. A diferença das duas obras anteriores, esta já representa a literatura brasileira propriamente dita e nisso consiste sua importância no relacionamento cultural bilateral e na imagem do Brasil na Bulgária. Além disso, traz dois escritores que sem dúvida merecem superar a fronteira nacional.

Após 1938 houve um período de silêncio, pois a Bulgária e o Brasil eram, teoricamente, inimigos na Segunda Guerra Mundial. Talvez por isso a seguinte obra literária brasileira que achamos data de um decênio mais tarde: 1948. O felizardo chama-se Jorge Amado e o romance escolhido *Terras do sem fim* (1942), porém com título trocado, *O direito do mais forte*, seguramente por razões ideológicas, conforme o conceito de luta de classes a substituição soava mais convincente. O curioso é que o livro foi acolhido por um diário, *Izrev* (*Saída do sol*), e se espalhou em 83 números, entre 27 de fevereiro e 5 de julho, sem o nome do tradutor. Assim iniciou-se na Bulgária a etapa amadiana, que ainda não acabou, já que estamos assistindo a reedições do baiano. Durante bastante tempo ele era o escritor brasileiro mais conhecido no país balcânico, e esse lugar privilegiado era determinado pelo fato de que tinha mais livros divulgados nele que o resto dos seus compatriotas. Algo mais: Jorge Amado formava a ideia dos búlgaros sobre literatura brasileira e inclusive, em grande medida, latino-americana. Como ainda não contávamos com tradutores do português, ele era vertido através do francês ou do inglês. Apenas em 1955 deixamos de usar um idioma intermediário

na narrativa, e isso aconteceu justamente com *Os subterrâneos da liberdade* (1955).

Falando nisso, é preciso voltar mais atrás e dizer que o jornal *Razvigor* incluiu no seu número de 5 de abril de 1924 o extenso artigo “Luís de Camões” e dois sonetos dele. O autor e tradutor é Samuil Stresov. O feitiço marca o começo das versões diretas do português ao búlgaro, mas com a ressalva de que não dispomos de provas indiscutíveis de que não se partiu do castelhano: Stresov vivia na Argentina, onde morreu. Em junho de 1937, na revista *Balgarska missal* (*Pensamento búlgaro*) leem-se três sonetos de Camões e uma poesia de Guerra Junqueiro, traduzidos por Milko Raltchev. São os dois casos que precedem o período em que já transferimos textos brasileiros sem um idioma intermediário.

Hoje, podem-se enumerar dezenas de livros do Brasil na Bulgária. Em meio desta abundância crescente há coisas que realmente surpreendem: vários livros saíram só em português. Ainda mais raro é *Um olhar para o mundo contemporâneo*, de Ives Gandra Martins, publicado em russo (1997) e prefaciado por João de Scantimburgo, da Academia Brasileira de Letras.

Os livros brasileiros na Bulgária podem ser divididos em três grupos: publicados em búlgaro, os bilíngues e os que estão em português. Entre os últimos vou mencionar *A ditadura terrorista no Brasil*, de Luís Carlos Prestes (1973). No que a suas quantidades se refere, os mais numerosos, naturalmente, são os primeiros, depois vêm os segundos e os terceiros são apenas alguns, ficando o de Gandra Martins numa situação peculiar. Seria bom fazer um levantamento que mostre aos brasileiros que na Bulgária existe um considerável interesse editorial pela produção literária do País Tropical, mas como falta um tal estudo vou apoiar minha afirmação com dois exemplos. De 1956 é *Geopolítica da fome*, Josué de Castro: sociologia; de 1971, *A raposa e as uvas*, Guilherme Figueiredo: peça teatral. Ou seja, movidos por uma simpatia óbvia e duradoura para com o Brasil, não nos limitamos ao que habitualmente se pratica, narrativa e poesia, senão abrangemos outros gêneros literários. A propósito, quem sabe no Brasil que Guilherme Figueiredo, com três obras encenadas na Bulgária, é o dramaturgo latino-americano mais conhecido aqui? Ou que temos apresentado a nossos leitores vários livros brasileiros para crianças?

Estética da ruína em Memórias do cárcere pertence, do ponto de vista linguístico, evidentemente, ao terceiro grupo. Mas pelo seu conteúdo ele é o único de pesquisa literária, pois anteriormente não veio aqui nenhum título dessa índole. Abrindo uma nova página na cada vez mais rica presença literária do Brasil na Bulgária, o trabalho de Vera Lopes confirma que os contatos entre as duas culturas vão ampliando-se e isso traz, entre outras consequências positivas, uma diversificação no campo das letras e, ao mesmo tempo, uma contribuição importante à imagem de Graciliano Ramos entre búlgaros.

Como o texto aborda Graciliano Ramos e sai em Sófia, acho conveniente acrescentar, dum modo reduzidíssimo, uma referência ao mestre alagoano e a Bulgária. Em 1969 a Editora Narodna Cultura (Cultura Popular) lançou em 10.000 exemplares *Vidas secas*. A tradução é de Rumen Stoyanov, que redigiu

um curto posfácio, “Sobre o autor e o livro”, além de um “Glossário das palavras desconhecidas” que explica vocábulos como angico, baraúna, juazeiro, macambira, caatinga, etc. Em 1971 a mesma editora preparou uma antologia de contos estrangeiros sobre animais. A única peça brasileira é do Velho Graça: “História de um bode”, em versão de Stoyanov. Os outros latino-americanos são Horacio Quiroga (Uruguai), Alejo Carpentier (Cuba), Guillermo Blanco, Francisco Coloane (Chile). Mais dois contos do nordestino passaram àquele idioma eslavo, porém na imprensa: “Uma canoa furada” no *Literaturen glas* (*Voz literária*) n.º 137, de 9/2008) e “A espingarda de Alexandre” no *Starchel* (*Zángano*) n.º 3.256, de 17/10/2008, atualmente o jornal mais antigo no país fundado em 1886). Machado de Assis e Graciliano Ramos estão juntos num livro bilíngue, patrocinado pelo Itamaraty, de 2007, respectivamente com “Missa do galo”, “Baleia”, “Ciúme” (e as três peças compõem o título). O segundo texto de fato representa um fragmento de *Vidas secas*. A tradutora é Vera Kirkova. O prefácio de Rumen Stoyanov sintomaticamente anuncia “Setenta anos de contos brasileiros na Bulgária”. Hoje deveríamos falar em setenta e cinco e a enumeração de contistas subiu mais ainda, pois, segundo meu levantamento, estão beirando a casa de setenta autores, incluindo nordestinos.

É preciso adicionar que a Cinemateca Nacional possui no seu riquíssimo acervo *Vidas secas*, direção de Nelson Pereira dos Santos, e o filme foi exibido em cineclubes, cinemas, pela televisão e forma parte do programa de estudos sobre o cinema novo do Brasil, na Academia Nacional de Arte Teatral e Cinematográfica. Existem numerosas referências a Ramos em textos críticos búlgaros, além de ser objeto de estudo no curso de graduação em Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia São Clemente de Okhrid.

Vera (Lúcia Iquene) Lopes, carioca, é licenciada em Letras pela Universidade Federal Fluminense em 1992. Três anos mais tarde obteve o título de Mestre em Literatura Brasileira no mesmo centro de ensino superior. Foi professora em Brasília e a partir de 1996 começou a trabalhar no Ministério das Relações Exteriores. cursou Missões Transculturais junto à Faculdade Batista Teológica de Brasília até 2004, quando foi transferida para o exterior, onde tem vivido desde então e onde se dedicou a estudar línguas estrangeiras, especialmente a inglesa. Tendo servido nas missões diplomáticas nos Estados Unidos (Boston), no Reino Unido (Londres) e na ilha caribenha de São Cristóvão e Nevis, atualmente vive na Bulgária (Sófia). Está cursando Teologia junto a Spurgeons, College, Londres. Visitou terras na América, Europa, Ásia: Peru, Guatemala, Venezuela, Portugal, França, Kuaite, Taiwan, Grécia, o que lhe permitiu variar ainda mais suas impressões diretas do mundo. Vera Lopes é o segundo caso de um brasileiro, funcionário diplomático, que publica livro na Bulgária. Foi precedida pelo poeta cearense Márcio Catunda, que deixou em Sófia cinco livros, alguns acompanhados de CD. Esses dois literatos inauguraram, em separado e cada um a sua maneira, um novo caminho de aproximação entre búlgaros e brasileiros. Desejo-lhes que tenham seguidores, e brevemente.

LIMA BARRETO OLHA PARA NÓS

Edmílson Caminha

Biografias assinadas por historiadores têm o mérito de não limitar o protagonista a interesse único da obra, para mostrá-lo no tempo, no lugar e nas circunstâncias que lhe foi dado viver. Assim é *Lima Barreto: triste visionário* (São Paulo: Companhia das Letras, 2017), em que Lilia Moritz Schwarcz apresenta um amplo e substancial painel de 40 anos da história do Brasil – de 1881, quando nasceu o escritor, a 1922, o simbólico, por mais de um motivo, ano em que morreu.

Significativamente, o filho do tipógrafo João e da professora Amália veio ao mundo no dia 13 de maio, a exatos sete anos da lei que oficialmente aboliria a escravidão em um Brasil que, de certo modo, continuaria com o relho na mão, por tratar a maioria dos seus 80% de analfabetos como se escravos fossem. Preto e, quase que por inevitável consequência, pobre, Afonso Henriques reagiria a esses marcadores sociais com a inconformação e a revolta que se fariam comuns ao homem e ao escritor. Aluno da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, foi convidado por colegas para pularem o muro do teatro e assistirem, como penetras, a uma apresentação de cantores líricos italianos. Desistiu na última hora, e respondeu ao amigo que lhe perguntara por quê:

[...] Não queria ser preso como “ladrão de galinhas”. Como o colega manifestasse incompreensão, ele completou: “Sim, preto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinhas!” Ciancio ainda contestou, dizendo que isso valia para ele também. Mas o futuro escritor encerrou a questão: “Ah! Vocês, brancos, eram rapazes da Politécnica [...] estudantada... Mas eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro logo pela polícia. Seria o único a ser preso”.

Vítima dos preconceitos de um povo que se hierarquizava pela concentração de melanina na pele, Barreto vive a angústia esquizofrênica de perder-se entre a realidade e o sonho, de sentir-se *déplacé* sem que soubesse exatamente onde gostaria de estar. Assim, abandona a Politécnica, que lhe daria a ansiada importância de doutor; chama os funcionários públicos de burocratas parasitas, mas torna-se amanuense da Secretaria da Guerra; vê na Academia Brasileira de Letras o que há de pior na literatura, mas a ela se candidata duas vezes; considera jornalistas amorais e inescrupulosos, mas é a imprensa que paga os poucos mil-réis que lhe sobram ao fim do mês. Nos artigos e crônicas que escreve para jornais e revistas, tem a coragem de dar voz ao que pensa de pessoas e instituições, precursor de um estilo que se poderia dizer “a arte de falar mal”, que daria fama, décadas depois, a jornalistas como Carlos Heitor Cony, Millôr Fernandes, Paulo Francis e Ivan Lessa. Assim, Lima Barreto é contra o futebol, a Academia Brasileira, os movimentos feministas e o casamento (razão pela qual defende o divórcio). Critica abertamente o Barão do Rio Branco, o cronista João do Rio, o conselheiro Rui Barbosa e o romancista Coelho Neto, opiniões que lhe valeram malquerenças e inimizadas.

Diferentemente de Machado de Assis, para quem a cor foi problema a enfrentar, desafio a vencer, Lima Barreto deixou-se oprimir pela discriminação, derrotar pelo preconceito. E depreciava o criador de *Quincas Borba*, menos em artigos do que em manifestações particulares, como na carta ao jornalista Austregésilo de Athayde, a que faz referência a biógrafa:

Já bem mais velho e muito depois da morte do Bruxo, o escritor de Todos os Santos agradece ao crítico, e afirma que, a despeito de não negar “os méritos de grande escritor”, julgava que o acadêmico sofria de “secura de alma, muita falta de simpatia humana, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris”. Orgulhoso, declara que jamais o imitou e reitera sua cantilena: “Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet – vá lá; mas Machado, nunca! Até em Turguêniev, em Tolstói; podiam ir buscar os meus modelos; mas, em Machado, não! [...] Creio que é grande a diferença”.

A par da obra, parece incomodá-lo o êxito de Machado, como pessoa, como funcionário público e como protagonista da cena literária. Também negro e pobre – com as agravantes da epilepsia e da gagueira –, chegou a primeiro oficial do Ministério da Agricultura e chefe de gabinete do ministro; escritor, viveu a glória de ser considerado o mais importante da nossa literatura, à frente dos que fundaram a Academia Brasileira de Letras, de que foi o primeiro a ocupar a presidência. Modesto servidor público, o romancista de *Policarpo Quaresma* não tem forças para lutar contra o alcoolismo e os distúrbios mentais dele decorrentes; não passa de terceiro oficial na Secretaria da Guerra, e vê seus livros sem as boas vendas e o entusiasmo da crítica a que têm direito como grandes obras. Razões pelas quais, para Lima Barreto, Machado de Assis doeria como “a vida inteira que podia ter sido e que não foi”, à semelhança do lamento de Manuel Bandeira em famoso poema autobiográfico.

Dois sugestões à competente e qualificada biógrafa Lilia Moritz Schwarcz. Quando mostra o autor de “O homem que sabia javanês” a caminhar pelo centro do Rio, desleixado e sujo, vale a inserção do que lembra o então moço Pedro Nava no livro de memórias *Balão Cativo*, ao contar que apertara a mão de Coelho Neto:

Outra mão – não distraída mas insistente, pastosa e demorada. A de Lima Barreto. Quando fui cumprimentá-lo ele segurou meus dedos, começou a apertá-los sem largar, numa lentidão que me dava aflição e susto. Seria balda de bêbado, porque ele estava que nem gambá, todo ardido e suado de vir rolando dos seus subúrbios, da sua repartição na Guerra, dos passos da sua paixão que eram todos os botequins da via dolorosa estendida da Praça da República à Garnier.

Internado por dois meses no Hospital Central do Exército, em 1918, para tratamento de fratura na clavícula, Barreto conhece o cadete Costa, 19 anos, companheiro de enfermagem que lhe ficara na lembrança, tema de um artigo de Austregésilo de Athayde:

Contava-me as conversas com o Costa, um camaradão que amenizava os dias de hospital contando piadas e narrando episódios pitorescos.

— O Costa é inteligente e, para a idade dele, muito culto. E como lhe indagasse afinal quem era o Costa, Lima Barreto respondeu, engrolando a língua já no fim da tarde:

— Ora essa! O Costa é o Costa e não adianta você saber quem é...

E entrou em seus costumeiros longos silêncios, pendendo a cabeça com os braços fechados entre as pernas.

Um dia, chega o articulista ao nome completo do rapaz: Artur da Costa e Silva, que 50 anos depois do encontro com Lima estaria no Palácio do Planalto, como o segundo general presidente da ditadura militar. A história encontra-se na biografia de Athayde, *O século de um liberal*, de Cícero e Laura Sandroni.

• • •

Nenhum escritor Lima Barreto marcou tão fortemente quanto João Antônio, que lhe dedicou todos os volumes de contos. Na longa entrevista que me concedeu em 1984, perguntei-lhe que de mais relevante nos deixara o romancista:

A importância maior de Lima Barreto está em que ele soube entender que, naqueles 12 quilômetros em que se desenvolvia sua vida – do subúrbio de Todos os Santos até o Ministério, naquele tempo chamado da Guerra – cabia o mundo.

Eu acho que a literatura brasileira tem duas figuras axiais – porque funcionam como eixo –, e que são muito responsáveis pela entrada do povo em nossa literatura. Uma pelo sertão, que é Euclides da Cunha. E o homem urbano como povo, como massa, quem introduz é Lima Barreto.

• • •

Em obra tão bem editada pela Companhia das Letras, surpreendem alguns erros de revisão: “descendência”, em vez de ascendência; “braquicéfalo”, em lugar de “dolicocéfalo”; “quarteirão”, em vez de “quarterão” (mestiço com um quarto de sangue negro); “Academia”, em lugar de Associação (Brasileira de Imprensa, ABI); identificar o biografado, em caricatura famosa, com “chapéu-panamá”, quando o tipo que se mostra é o palheta; e dois cochilos referentes a Machado de Assis: nomear um dos seus livros como *Relíquias “da” Casa Velha* (a proposição é “de”, na primeira edição), e dizê-lo de família “mais” remediada que a de Lima Barreto, quando na verdade o era menos. Nada, porém, que diminua a competência da pesquisa e a riqueza das informações.

• • •

Internado em 1914 no Hospital Nacional de Alienados, Lima Barreto, já com a roupa que lhe deram, tem uma foto anexada à ficha de paciente. Impressionou-me desde que a vi pela primeira vez: nunca, em toda a minha vida, olhos me deram o sentimento de tanta tristeza, de tanta amargura, de tanta desilusão, ao mesmo tempo em nos que parecem responsabilizar pelo sofrimento, pela dor, pelo abandono dos deserdados como ele, para quem viver sempre foi pena a cumprir.

A Dalton Paula, autor do retrato de Lima Barreto na capa do livro, solicitou a biógrafa que o fizesse de olhos abertos, diferentemente do que lhe propusera o artista. Ainda bem: fechar-lhe os olhos seria negar o escritor que viu a realidade brasileira com aguda consciência e rara lucidez. Quando se aproxima o centenário da morte de Lima Barreto, é bom que Lilia Moritz Schwarcz o tenha mantido de olhos bem abertos. A olhar para nós.